

Geral

COLUNA DO HERÓDOTO

Juiz detergente



Heródoto Barbeiro (*)

Ele não foi o primeiro a ser considerado incorruptível.

Final um juiz tem poder para interferir em muitos assuntos públicos, da libertação de um preso a uma tentativa dos bancos formarem um cartel para dominar o mercado e impor taxas de juros escorchantes. Sua imagem estava mais associada ao bom senso, a coragem de enfrentar os adversários, mesmo os que se encastelavam no poder judiciário e nem todos os juizes podiam mostrar publicamente que não estavam a serviço desde ou daquele poderoso.

Não admitia os chamados jocosamente de “embargos auriculares”, ou seja quando as poderosas e riquíssimas bancas de advogados o pressionavam para que analisasse os casos sub judice com a ótica dos contratantes dos seus serviços.

Não era fácil resistir às pressões. Sua nomeação foi confirmada pelo senado, como manda a constituição, mas a sabatina, não foi uma ação entre amigos, nem um happy hour oferecido no final da tarde na capital, como tantos outros juizes da suprema corte tinham patrocinado. O resultado foi não foi folgado, 22 senadores votaram contra sua indicação pelo presidente que também saiu chamuscado do episódio. Tudo foi acompanhado e retratado pela imprensa.

A mídia ganhou musculatura com jornais que atingiam milhões de leitores. As ações do juiz, ora eram duramente criticadas, ora exaltadas como de grande sabedoria e coragem. As críticas eram dirigidas diretamente a ele e amplificadas pelos partidos políticos e associações de toda ordem. Para o bem ou para o mal ganhou notoriedade.

Boa parte da população nunca tinha ouvido falar no seu nome e nem tinha ideia o que fazia um juiz na suprema corte, mas o fato é que tornou-se conhecido em todo o país, convidado para palestras em universidades, cursos nas faculdades de direito, aulas magnas em grandes eventos culturais. Nem uma coisa nem outra mexeram com o seu ego.

Recusou-se a se tornar uma celebridade ainda que sua foto

e frases aparecessem em diversas publicações populares. Ainda que sob uma chuva de críticas saiu em defesa da liberdade de expressão. Separou de uma forma clara o jornalismo da publicidade. Dizia que além de exigir da mídia a busca da isenção, era possível se afastar dela quando o público julgasse que não estava sendo equilibrada.

Parar de comprar um jornal, uma revista, ou desligar os aparelhos eram as armas que qualquer cidadão tinha ao alcance da mão e poderia usar quando bem entendesse. Ninguém era obrigado a se submeter às opiniões e críticas dos jornalistas. Havia que se preservar a pluralidade das versões.

Um juiz sempre foi respeitado pela sociedade. Concordando ou não com as suas decisões, o judiciário encontrou um nicho importante para a sua atuação na democracia. Era um dos contra pesos que atuava entre as disputas no congresso ou mesmo quando havia choque entre os poderes executivo e legislativo. Ser indicado pelo presidente de plantão de forma alguma vinculava o magistrado aos interesses do governo ou do partido político que estava no poder.

As portas do tribunal estavam fechadas para a charlatanice e as jogadas de bastidores que nem sempre a população tinha conhecimento. Sob essa ótica e até mesmo contra a vontade do seu próprio partido, o presidente Woodrow Wilson, nomeou Louis Brandeis para a Suprema Corte. O juiz atuou em muitas ações e buscava sempre o que chamava de justiça social. Quando era um advogado aproximou-se dos sindicatos e desenvolveu uma série de trabalhos pelos quais nada cobrava, defendendo trabalhadores.

Apoiou abertamente as ações do programa de recuperação nacional desenvolvido sob a liderança de Franklin Roosevelt, o New Deal. Foi autor de uma série de frases famosas, mas nada superou uma que pode ser aplicada em qualquer parte do mundo, seja em que idioma for: “A luz do sol é o melhor detergente”.

(*) - Jornalista, editor chefe, âncora do Jornal da Record News em multiplataforma.

Em comunidade do Rio, Malala faz grafite com rosto de Marielle

De visita ao Brasil, a ativista paquistanesa Malala Yousafzai foi grafiteira por algumas horas na quarta-feira (11), e participou do trabalho feito em um muro da Favela Tavares Bastos, no Catete, na Zona Sul do Rio de Janeiro, com o rosto da vereadora Marielle Franco, morta em 14 de março, junto com o seu motorista Anderson Gomes

A vencedora mais jovem do Prêmio Nobel de Paz, por seu trabalho a favor dos direitos das mulheres, pintou em um dos muros da comunidade a imagem de Marielle com ajuda de artistas da Rede Nami.

Na véspera de fazer 21 anos, ela quis conhecer o projeto liderado pela grafiteira Pannela Castro, conhecida no mundo artístico como Anarkia Boladonna. A artista ganhou em 2010 o prêmio Vital Voices Global Leadership Awards, na categoria direitos humanos, o mesmo prêmio que, três anos depois, foi para Malala, na cerimônia na qual as duas se conheceram. “Ela ficou muito impressionada porque está focada na educação e aqui nós educamos meninas e mulheres sobre os seus direitos”, disse Pannela.



A ativista paquistanesa Malala Yousafzai posa para foto, ao lado de um desenho da vereadora Marielle Franco.

Sem a presença da imprensa, com absoluto sigilo e acompanhada somente por integrantes do projeto, Malala fez um passeio pelas ruas do morro

e ouviu detalhes sobre vários grafites feitos por meninas que participam do programa. “Ela conversou com as meninas e perguntou sobre os desafios

na educação, suas inspirações na arte e sobre a violência que vivem diariamente”, disse a coordenadora do programa, JLo Borges. Entre um mural e outro, Malala posou para fotos e conheceu um grafite com a sua própria imagem, uma homenagem de Pannela à defensora dos direitos das mulheres.

Malala anunciou, em um evento em São Paulo, que em breve iniciará no Brasil um projeto para fomentar a educação feminina, mas não deu detalhes sobre a iniciativa. Segundo a ativista, que foi baleada por talibãs quando aos 15 anos quer frequentar a escola, estima-se que esse direito básico seja negado para 1,5 milhão de meninas no Brasil (Agência EFE).

Filmes devem levar para o cinema o resgate dos 13 tailandeses

Pelo menos dois filmes já estão sendo planejados para levar aos cinemas a história do bem-sucedido resgate dos 12 adolescentes e seu treinador, que permaneceram presos durante dias em uma profunda caverna na Tailândia. Michael Scott, o CEO da produtora de filmes cristãos Pure Flix, publicou um vídeo, no Facebook, anunciando seus planos para um filme sobre esta história.

“Estamos vendo realmente isso como um filme que poderia inspirar milhões de pessoas em todo o mundo”, disse Scott, perto da gruta na Tailândia, país onde possui uma residência, pouco depois da conclusão dos trabalhos de resgate. “Não poderia estar mais emocionado. Esta história significou muito para mim”, completou em um vídeo, onde elogiou a coragem e o esforço internacional empregado para salvar as vidas das 13 pessoas presas na caverna. Contatado pelo site especializado “The Hollywood Reporter”, Scott falou que sua intenção não é fazer um filme cristão, mas sim “inspirador”.

No entanto, apenas um dia depois de conhecer as intenções de Scott e da Pure Flix, Jon M. Chu, diretor americano de origem chinesa, afirmou através do Twitter, que ele também quer levar ao cinema o resgate na Tailândia para evitar que Hollywood se aproprie desta história. “Eu me recuso a deixar Hollywood ‘branquear’ a história do resgate na caverna de Tailândia”, disse Chu utilizando o termo “whitewashing”, que na indústria audiovisual se refere à criticada prática onde atores ocidentais interpretam personagens que não são brancos.

O diretor de “G.I. Joe: Retaliação” (2013) e “Truque de Mestre: O 2º Ato” (2016) estreará em meados de agosto “Podres de Ricos”, uma comédia romântica da Warner Bros, apresentando um elenco composto por atores de origem asiática. “A lição maior que aprendi fazendo ‘Podres de Ricos’ é que devemos contar nossas histórias, especialmente as mais importantes, para que a história não as confunda, é importante demais deixar os outros ditarem quem são os verdadeiros heróis”, completou o cineasta (Agência EFE).

Em oito anos, mais de 34,2 mil leitos do SUS foram fechados

Nos últimos oito anos, mais de 34,2 mil leitos de internação da rede pública foram desativados. Em maio de 2010, o Brasil tinha 336 mil leitos para uso exclusivo do SUS, número que caiu para 301 mil em 2018, o que representa uma média de 12 leitos fechados por dia. Somente nos últimos dois anos, mais de 8 mil unidades foram desativadas. O levantamento foi feito pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), a partir de dados do Cadastro Estabelecimentos de Saúde do Ministério da Saúde. As especialidades com a maior quantidade de leitos fechados, em nível nacional, são psiquiatria, pediatria cirúrgica, obstetria e cirurgia geral.

Para o presidente do CFM, Carlos Vital, o fechamento de leitos aponta para má gestão das verbas do SUS. “Sem leitos de internação não há como o profissional médico prestar os seus cuidados ao paciente. Não podemos aceitar que pessoas deixem de ser atendidas por causa de leitos simples de internação”, afirmou. O CFM



“Sem leitos de internação não há como o profissional médico prestar os seus cuidados ao paciente”.

pretende encaminhar o levantamento para parlamentares, Ministério Público Federal e Tribunal de Contas da União.

Entre as capitais, Rio de Janeiro teve a maior perda de leitos na rede pública (-4.095), seguida por Fortaleza (-904) e Curitiba (-849). Nove delas - Belém, Boa Vista, Cuiabá, Macapá, Palmas, Porto Velho, Recife, Salvador e São Luís - conseguiram elevar o indicador. Outra constatação é que enquanto a rede pública teve 10% dos leitos fechados desde 2010 (34,2 mil), as redes suplementar e privada aumentaram em 9% (12 mil) o número de leitos em oito anos.

Os leitos privados cresceram em 21 estados até maio de 2018. Apenas Rio de Janeiro e Maranhão sofreram decréscimos: 1.172 e 459 leitos.

De acordo com o relatório de Estatísticas de Saúde Mundiais da OMS de 2014 - o último dado disponível -, o Brasil tinha 23 leitos hospitalares (públicos e privados) para cada grupo de dez mil habitantes. A taxa era equivalente à média das Américas, mas inferior à média mundial (27) ou às taxas apuradas, por exemplo, no Reino Unido (29), na (47), Espanha (31) e França (64) (ABR).

Parreira: falta de experiência foi decisiva para fracasso da seleção

Carlos Alberto Parreira, técnico campeão do mundo com a seleção brasileira em 1994, afirmou ontem (12) que ao Brasil faltou experiência, entre comissão técnica e jogadores, para conquistar o título da Copa do Mundo da Rússia 2018.

“Não basta conhecer os problemas, mas é preciso saber como resolvê-los. De 21 Copas do Mundo, apenas ganhamos cinco. Ficamos muitos anos sem ganhar, porque é muito difícil. Muitas coisas influenciam. Não é suficiente só ter talento, senão ganharíamos todas as Copas do Mundo. É preciso chegar preparado e com fome. Quando há compromisso, ganhamos. Se falta algum elemento, fracassamos”, disse durante a entrevista coletiva do Grupo de Estudo Técnicos realizada ontem no estádio Luzhniki de Moscou.



Parreira: “Não é suficiente só ter talento”.

“Em 2006, tínhamos bons jogadores, mas faltava a fome de vencer, tinham mais fome no passado, quando ganharam. Agora, não vieram 100%. Faltou estrutura e experiência. Houve bons jogadores, mas só 3 ou 4 tinham jogado um Mundial e para a comissão técnica tam-

bém era seu primeiro mundial. A Bélgica nos surpreendeu na primeira parte e nós fomos melhores na segunda, mas ficamos fora. Desde o dia em que nos eliminamos, sonhamos ganhar o Mundial seguinte. Para nós é como uma espécie de religião”, acrescentou (Agência EFE).

Messi jogará em Israel com Barcelona

Após a polêmica do mês passado, com o cancelamento do amistoso em Jerusalém entre as seleções da Argentina e de Israel como preparação para a Copa do Mundo, os israelenses ficaram sabendo ontem (12) que poderão ver Lionel Messi jogar em novembro por lá. O Barcelona e o Atlético de Madrid agendaram um amistoso no Estádio Sammy Ofer, em Haifa.

A notícia foi confirmada pelo prefeito Yona Yahav. O jogo foi arranjado pelo empresário israelense Idan Ofer, um dos acionistas do Atlético de Madrid. Mas os detalhes da partida ainda não foram acordados. O jogo amistoso entre Argentina e Israel tinha sido anulado pela parte argentina após pressão política. Grupos palestinos acusaram os dirigentes israelenses de se aproveitarem do jogo para fins políticos, alegando que a partida comemoraria os 70 anos do Estado de Israel.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, falou pessoalmente com o presidente argentino, Mauricio Macri, na tentativa de manter o jogo em Jerusalém, mas em vão. Por sua vez, o presidente da Associação Palestina de Futebol, Jibril Rajoub, agradeceu Messi, “em nome da Palestina”, por não ter jogado em Jerusalém, “zona contestada” pelos dois povos (ANSA).

Trump divulga carta de Kim e relata ‘grandes progressos’

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, divulgou ontem (12), no Twitter, uma carta enviada em 6 de julho pelo líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un, e afirmou que “grandes progressos estão sendo feitos”. No texto, Kim aborda a reunião que os dois tiveram em Singapura, em 12 de junho, dizendo que o encontro foi o início de uma jornada “significativa”. “Eu aprecio profundamente os esforços enérgicos e extraordinários feitos por Vossa Excelência para a melhoria das relações entre os dois países”, afirma o norte-coreano.

“Eu acredito firmemente que a vontade forte, os esforços sinceros e a abordagem única minha e de Vossa Excelência para abrir um novo futuro entre a República Democrática Popular da Coreia e os Estados Unidos certamente darão frutos”, acrescenta. No fim da carta, Kim diz ter “convicção” de que o “histórico progresso” nas relações bilaterais “levará à nossa próxima reunião”. A cúpula de Singapura foi a primeira entre líderes dos dois países e representa o ponto mais alto no processo de pacificação da Península da Coreia, iniciado em janeiro.

No entanto, o comunicado conjunto assinado por Kim e Trump não traz ações concretas e fala em um vago compromisso com a “paz duradoura” e a “desnuclearização” (ANSA).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); **Ciência/Tecnologia:** Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); **Lazer/Cultura:** Laura Lobato De Baptisti (lauralobato11.ll@gmail.com); **Livros:** Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br); **TV:** Tony Auaud (central-noticia@bol.com.br). **Revisão:** Sônia Souza.

Webmaster/IT: Ricardo Baboo; **Editoração Eletrônica:** Ricardo Souza e Walter Almeida. **Impressão:** LTJ Gráfica Ltda. **Serviço informativo:** Agências Estado, Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Vergueiro, 2949 - 12º andar - cjs. 121 e 122 - Vila Mariana - Cep: 04101-300. Tel. 3043-4171 / 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br) - Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 - JUCESP, Nire: 35218211731 (6/6/2003) - Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.